

O CINQUENTENARIO DE SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

52/07/20
Folha da Manhã
p.3
SBH
Pe 79-214

JUSTAS e oportunas são as homenagens que amigos e admiradores do escritor Sergio Buarque de Holanda lhe estão prestando por ocasião do cinquentenário de sua brilhante vida. O historiador e ensaísta dispõe por mérito próprio de invulgar posição nos nossos meios intelectuais, e a sua carreira, sendo um exemplo fecundo e raro de operosidade, indiscutivelmente o qualifica já agora como uma figura nacional.

O agitado aluno do Colegio de São Bento, onde ca-

rimbava os lentes com apelidos sarcásticos, apareceu no Rio de Janeiro por volta de 1922, usando monoculo na orbita esquerda e livros desconhecidos debaixo do braço direito. Frequentador assíduo e matinal da Livraria Garnier, onde com Prudente de Moraes, neto, Americo Facó, e Veiga Lima fuçava todos os volumes com a cinta VIENT DE PARAÏTRE, falava muito em Paulo Prado, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti e Couto de Barros, não tardando a unir-se ao grupo de Graça Aranha e Ronald de Carvalho.

Sua desenvoltura de autor em potencial de dois livros, O AUTOMVEL ADORMECIDO NO BOSQUE e APRES-MIDI D' UN SAXOPHONE, tornava-o naquele tempo distante o dadaísta n.º 1 destas plagas. E seu feitio, suas piadas, seu riso, sua magreza e sua tez loura deram-lhe o cargo espontâneo de chefe do anti-protocolo a bordo do FORMOSE por ocasião da chegada de Blaise Cendrars, e de representante inocuo da KLAXON.

Na cronica do Rio literario dessa epoca, sua presença física e fantasmagorica, lembrando na leveza do passo Roberto Gomes e na acepção de consul futurista o aspecto de Tzara ou de Jarry, escandalizava academicos e burgueses. As gerações novas, porem, pressentiam e se adaptavam já à maneira do funcionario eventual da HAVAS e da U.P.; maneira essa que significava como reação sadia e revolta iconoclastica o esforço de renovamentos, muito embora o monoculo, a risada, os disparates tivessem — com trinta anos de antecedencia — qualquer coisa da camuflagem do que hoje se chama DEBROUILLAGE. ESTREIJE nos cares MABILLON, LES DEUX MAGOTS e FLORE, do atual bairro existencialista de Saint-Germain-des-Prés.



Passado esse periodo, Sergio Buarque de Holanda tirou a mascara feita de folhas do MAINTENAT e de LITTERATURE, e começou a deixar

que se entresse sua realidade através da revista ESTETICA.

Deixando um vacuo no Rio de Janeiro, foi exilar-se pachorrentamente em Cachoeiro de Itapemirim, no Espirito Santo, depois de distribuir como espolio prematuro a livralhada pelos amigos. Vacuo maior deixou quando, metido no guardapó de correspondente de O JORNAL, partiu para a Alemanha e a Polônia.

O homem que depois voltou e que não trazia mais como manifesto de bordo acervos de Breton e Soupault, contrabandos de Cocteau e Reverdy, esclareceu apenas em 1938 o seu jogo de responsabilidades em paradas certeiras que viriam a fazer dele, com a publicação de RAIZES DO BRASIL, um caso excepcional de estréia. Tornando violento e bruto o jogo, já no ano seguinte se manifestava, sensato e arguto, um grande critico literario. O que, depois disso, tem sido a sua capacidade mostram os livros COBRA DE VIDRO e MONÇÕES bem como, em ritmo mais frequente, os artigos de critica onde firmou de maneira absoluta um renome tal, que por si só basta para a justificação logica das homenagens que lhe estão sendo prestadas.

J. G. V.

OPINAM OS ESCRITORES

SERGIO MILLIET:

"Não se trata de julgar o talento de Sergio Buarque — se não acreditássemos nele, não o festejaríamos. — Trata-se de falar da personalidade, do homem sensível, do homem inteligente, do companheiro até de farra. E esse é de primeira qualidade, quase tão "superior" quanto o escritor."

PAULO DUARTE:

"Reputo Sergio Buarque de Holanda um dos mais legítimos representantes da cultura intelectual do Brasil. País novo que somos, evidentemente nos constituímos uma excelente isca para os aventureiros. E estes não se apresentam apenas sob a forma de ganhadores de dinheiro, mas, também sob as vestes dos simuladores de cultura."

"Mario de Andrade já dizia que estamos cheios de escritores que não sabem escrever. Sergio Buarque de Holanda não só sabe escrever, mas, também sabe ler e, o que não é muito frequente, entende o que lê."

CAIO PRADO JUNIOR:

"Um grande historiador que tem contribuído consideravelmente para os estudos históricos do Brasil."

ANTONIO CANDIDO:

"Considero o sr. Sergio Buarque de Holanda uma das mais altas organizações intelectuais do Brasil. Erudito profundo, de uma informação universal, é ao mesmo tem-

po um grande especialista no seu setor próprio: historia economica do Brasil. Ao lado disso, é uma sensibilidade rara, que o torna um dos mais finos criticos que temos tido."

RUI BLOEM:

"Conhecendo Sergio Buarque de Holanda desde criança e, sendo um dos seus mais antigos amigos, só tive motivos de alegria em acompanhar a sua carreira ascensional quer como escritor, quer como critico, quer como historiador."

PROF. FERNANDO DE AZEVEDO:

"Historiador e escritor de primeira ordem, em que se associam a uma grande erudição, um raro poder de análise e agudeza de espirito critico."

ALCANTARA SILVEIRA:

"Considero Sergio Buarque de Holanda um dos nossos melhores historiadores e de cuja honestidade intelectual ninguém pode duvidar."

AFONSO D'E. TAUNAY:

"Com as "Raizes do Brasil", conquistou o sr. Sergio Buarque de Holanda em nossas letras a alta posição que tanto prestigio lhe dá ao nome e a que veio reforçar o belo e consciencioso estudo sobre as Monções, livro tão brilhantemente trabalhado. Assim e por dilatados anos possa enriquecer a bibliografia nacional com novos volumes da va-

lia destas obras dignas do maior apreço, como tanto é de se esperar que o faça."

PAULO MENDES DE ALMEIDA:

"Acho que Sergio Buarque de Holanda é um dos intelectuais de mais solida cultura do Brasil. Numa conversa, surpreende que uma pessoa, assim como ele, saiba tanta coisa com tantos pormenores a respeito de diversos ramos do conhecimento como sejam: literatura, filosofia, sociologia e historia do Brasil."

TITO LIVIO FERREIRA:

"Sergio Buarque de Holanda reúne em seus trabalhos o historiador ao estilista: claro, conciso e consciencioso."

Folha da Manhã, p. 3
20.7.52